

O POEMA *ELENA E MARIA* E OS UNIVERSITÁRIOS SALMANTINOS

ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA
Universidade Federal do Rio de Janeiro

MARTA SILVEIRA BEJDER
Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Segundo Úria Maqua, que elaborou um panorama acerca dos trabalhos sobre a literatura ibérica medieval nas últimas décadas, estamos vivendo um momento de renovação:

Los historiadores y críticos literarios de nuestro tiempo han puesto en tela de juicio todas, o casi todas, las ideas consagradas sobre la literatura española medieval, y han mostrado lo erróneo de algunos conceptos que desvirtuaban la verdadera naturaleza de ciertas obras y géneros del medievo hispánico. Gracias a esa actitud de revisión y análisis se van arrumbando una serie de viejos tópicos y falsos supuestos, al tiempo que se abren nuevos caminos a la investigación y la crítica literarias.

(“Panorama”, 99)

No presente artigo, objetivamos estudar o poema castelhano *Elena e Maria*, propondo uma nova interpretação para o mesmo. Baseamos em dois pressupostos básicos: a adoção de um novo conceito de cultura e a revisão do papel intelectual que, segundo a maioria dos medievalistas, a Península Ibérica teria

ocupado no âmbito da Idade Média ocidental. Nosso trabalho, portanto, insere-se neste movimento de renovação das investigações sobre a literatura espanhola medieval.

Partimos do conceito de cultura enquanto um conjunto de práticas, representações e instituições criadas pelo homem e que dão sentido e organização ao mundo social, tal como propõe Roger Chartier (*A história cultural*, 23). Gostaríamos de ressaltar, entretanto, dois aspectos relacionados aos fenômenos culturais que são fundamentais para a compreensão deste trabalho.

Destacamos, em primeiro lugar, visto que as relações culturais são múltiplas, dinâmicas e complexas, que as práticas e representações culturais não coincidem, necessariamente, com as diferenças sócio-econômicas presentes em uma dada sociedade.¹ E, em segundo lugar,

¹ Como assinala Chartier, “(...) já não parece mais possível persistir na tentativa de estabelecer correspondências estritas entre dicotomias culturais e hierarquias sociais, criando relações simplistas

que nos processos de apropriação cultural há espaço para a “invenção criativa”. Ou seja, a recepção de práticas e representações culturais não é um processo passivo, pois é possível, a partir dos mesmos elementos, a elaboração de representações e práticas culturais diferenciadas. Assim, partilhamos da postura de Roger Chartier (“Textos”, 231) ao afirmar é tarefa do historiador, hoje, mais do que procurar as diferenças entre a chamada cultura popular e a erudita, identificar a pluralidade das práticas e representações e estar atento aos empréstimos e intercâmbios culturais presentes no seio das sociedades.

No que concerne ao segundo pressuposto levantado, concordando com Adeline Rucquoi (“História cultural”, 80), acreditamos que se faz necessário rever o papel que vem sendo delegado, pela maioria dos medievalistas, à Península Ibérica na sociedade medieval ocidental. Como aponta esta autora, o ocidente medieval tem sido estudada pelo prisma da história da França ou da Inglaterra, desta forma, a Península Ibérica vem sendo tratada como uma área periférica e atrasada em relação aos supostos grandes centros, já mencionados. Porém, afirma a autora (“De los reyes”, 63): “Lejos de constituir una ‘periferia’ en la Edad Media, España, al igual que Italia, se sitúa dentro del antiguo mundo romano, de los países mediterráneos tempranamente urbanizados, romanizados y evangelizados, en el centro del mundo”. Desta forma, faz-se necessário estudar o mundo ibérico como uma região central, visto que é uma área mediterrânea, e não como um espaço circundante ou obsoleto em relação ao restante da Europa ocidental medieval.

entre determinados objetos e formas culturais e grupos específicos”. (“Textos”, 230).

Ao propormos uma nova leitura para o poema castelhano medieval *Elena e Maria*, estamos considerando este texto como fruto do dinamismo cultural do mundo ibérico medieval.

1. O POEMA *ELENA E MARIA*: TRAÇOS CARACTERÍSTICOS E PROPOSTAS DE LEITURA

O manuscrito do poema *Elena e Maria* foi descoberto, como é sabido, por Menéndez Pidal no início deste século. Segundo este autor, o primeiro o dedicar-se ao estudo deste texto, tratava-se “de un extraño librito, que apenas tenía forma de tal, pues estaba hecho con irregulares desperdicios de papel de tamaños y formas diferentes, de unos 5 a 6 centímetros de lado”. (*Tres poetas primitivos*, 14).² Devido a esta forma, Menéndez Pidal concluiu que era um livro popular, para o uso de um modesto jobral ambulante. Este poema foi publicado, primeiramente, em uma edição facsímil, datada de 1914, e recebeu uma edição crítica em 1948.³

O poema *Elena e Maria* apresenta a discussão entre duas irmãs nobres sobre quem seria o melhor amante: o clérigo, a quem Maria defende, ou o cavaleiro, amante de Elena. Na composição da obra foram utilizados versos pareados, octasílabos, irregulares e com rima consonante, ainda que figurem casos de assonância. Está escrito em castelhano, com forte caráter dialetal leonês ocidental.

² Todas as referências a Menéndez Pidal remetem a esta mesma obra: *Três poetas primitivos*.

³ Trata-se da edição preparada por Menéndez Pidal, já citada, e que foi utilizada para a preparação desse trabalho. O texto do poema encontra-se nas páginas 36 a 46. Ao citarmos o poema, indicaremos entre parênteses o número dos versos transcritos ou mencionados.

Do texto original só foram conservados 402 versos, visto que há diversas falhas no decorrer do único manuscrito do poema. Também não foram preservados os versos iniciais nem os finais. O manuscrito já inicia com o debate entre as irmãs e finaliza no momento em que estas partem para a corte do rei Oriol, apresentado como um grande juiz das causas amorosas (289-299), a quem é dada a tarefa de pôr fim ao debate e eleger o melhor amante. Desta forma, não sabemos qual o amante —clérigo ou cavaleiro— é escolhido como vencedor da disputa.

Tendo como elemento principal o diálogo, onde é utilizada a voz retórica feminina,⁴ sempre em discurso direto, esta obra pertence ao gênero da disputa, sendo, segundo Deyermond (*Historia*, 135-138), um dos mais importantes poemas de debate produzido na Península Ibérica medieval, ao lado de *Razón de amor e Disputa del alma y del cuerpo*.

As disputas são formas literárias comuns a literatura universal. Encontramos exemplares deste gênero literário em textos hebraicos, árabes e latinos, porém, é na época medieval que estes textos alcançaram maior maturidade literária. O desenvolvimento da disputa como gênero literário durante a Idade Média está relacionado a, pelo menos, dois fenômenos sócio-culturais: o costume jurídico e a educação medieval (Deyermond, *Historia*, 135-138). Segundo Badel (*Introduction*, 30-31), “Le desir de discerner le droit du tort du tort est à l’origine du succès de certains genres littéraires: les conflits, les débats”.

As disputas produzidas durante o medievo podiam ser exercícios retóricos tratando de aspectos mais teóricos ou versar sobre questões cotidianas. Tais textos abarcavam, assim, uma grande variedade de temas. O poema *Elena e Maria*, portanto, possui inúmeros antecedentes enquanto um escrito de debate. E quanto ao tópico em discussão?

Nos séculos XII e XIII, em diversas regiões da Europa Ocidental, foram produzidos textos, tanto em latim quanto nas línguas romances, que se dedicavam a discutir, e pôr em contraste, o amor entre os homens de letras, os clérigos, e os de armas, os cavaleiros. Esses poemas⁵ poderiam ter um toque lírico ou satírico, visto que este mesmo tema inspirou tanto a lírica trovadoresca (Deyermond, *Historia*, 142) como a poesia goliárdica (Le Goff, *Os intelectuais*, 28-38).

Segundo Menéndez Pidal (26), *Elena e Maria* possui uma dependência direta do poema francês *Hueline et Eglantine*, escrito no início do século XIII, com versos pareados de nove sílabas e tratando a questão do ponto de vista satírico. Porém, frente a este modelo, o escrito em estudo possui algumas particularidades. Passamos a enumerá-las:

Primeiramente, em *Elena e Maria*, o espaço dedicado a discussão entre as demas é muito maior que nos textos antecessores, tornando-se o elemento central do poema. Em segundo lugar, podemos destacar o próprio tom do debate, que revela a raiva latente, não uma “doce ira” entre as irmãs,

⁴ O fato da discussão central do poema ser realizada por personagens femininas não traduz uma preocupação por discutir o papel da mulher na sociedade. As mulheres, nessa obra, atuam, unicamente, como veículos para a expressão de idéias.

⁵ Dentre estes podemos destacar a *Altercatio Phyllidis et Florae*, de 1150, que, segundo Menéndez Pidal (23), fez escola por “su elegancia y comedimiento, su erudición mitológica, sus descripciones brillantes”. Em vernáculo, destacam-se *Le Jugement d’Amour*, *Hueline et Eglantine*, *Florence et Blancheflour*, *Maliour et Idoine*, dentre outros.

traduzidas nos diversos insultos presentes no texto. À título de exemplificação, podemos citar algumas expressões: “loca transtornada” (31), termo usado por Maria para referir-se a irmã; “la cabeza, e la barba e el pescuezo non semeja senón escuezo” (104-105), usada para descrever o clérigo; e “non val un mal figo” (125), para caracterizar o cavaleiro.⁶ E, finalmente, em terceiro lugar, em nosso escrito figuram, além dos ataques satíricos presentes nas versões anteriores, inúmeros outros aspectos dos quais não há precedente. É interessante ressaltar, como aponta Ynduráin (“La literatura española”, 22-23), que os ataques aos clérigos, presentes em textos goliárdicos anteriores –tal como o pouco trabalho, excesso de gordura e dinheiro, etc.–, ganham, no texto em estudo, o caráter de vantagens. Como explicar essas particularidades presentes na versão castelhana deste debate?

Como este texto foi encontrado a relativamente pouco tempo, não foram muitos os que se dedicaram a estudá-lo. A grande maioria dos manuais de literatura espanhola medieval ainda ignoram a existência desta obra. O próprio texto de Úria Maqua, citado no início deste trabalho, sintomaticamente, não menciona o debate de *Elena e Maria* ou qualquer outro texto dedicado unicamente analisar tal obra. Até o momento em que redigimos este artigo, verificamos que, dentre todos os autores consultados, só Menéndez Pidal, o descobridor da obra, e Deyermond procuraram compreender este texto à luz de seu contexto histórico.

Segundo Menéndez Pidal (18, 28-29), o debate de *Elena e Maria* teria sido produzido por volta de 1280. Seu autor, anônimo, seria

um leonês, devido aos traços dialectais presentes nos manuscritos. Quanto ao local de produção, o autor não chega a uma conclusão final e aponta três possibilidades: as cidades de Zamora, Leão ou Salamanca.

Para este pesquisador, as particularidades da versão castelhana desta disputa podem ser explicadas por um fenômeno léxico: a fixação do significado do termo *clérigo* enquanto homem da Igreja, isto é, aquele que fora ordenado ou ingressara em uma ordem (28). Desta forma, a discussão acaba por entrar no terreno do amor desonroso e sacrílego, pois o celibato clerical já era, neste momento, uma exigência imposta pela Igreja Romana. Assim, segundo Menéndez Pidal, diferente dos textos que o precederam, no poema *Elena e Maria* não há mais a preocupação em discutir quem é o melhor amante, o clérigo ou o cavaleiro, mas em debater sobre gênero de vida de um clérigo, enquanto homem da Igreja, e de um *infanzón*.

Quanto ao processo de produção, este autor (33) defende que “el autor de Elena y María alteró, desde luego, más que ninguno de sus colegas extranjeros, el modelo común”. Isto se dá porque “la literatura española se singulariza por poseer caracteres muy particulares que le impiden seguir muy de cerca a sus modelos franceses con la fidelidad que lo hacen otras literaturas europeas”. Assim, há algo de muito espanhol neste poema que se inspira em um tema internacional.

Menéndez Pidal ainda conclui:

Elena es poesía francamente juglaresca, de marcado tono popular, por su métrica irregular, por su desprecio del adorno postizo, por su abstención de todo afectado rebuscamiento, por su grata llaneza siempre sostenida (...) nuestro autor se aplica a desarrollar la sátira

⁶ Ver também os versos 45, 69, 99, 120, dentre outros.

apicarada, atenta muy de cerca al menudo pormenor de la realidad cotidiana.

(33-34).

Já Deyermond (*Historia*, 141) propõe uma interpretação bem diferente. Para este autor, *Elena e Maria* "...refleja una de las mayores cuestiones sociales dentro de la Europa medieval ... un sentimiento de rivalidad, especialmente entre clérigos y caballeros...". Esta explicação repousa em um pressuposto: o da visão tripartita da sociedade medieval, desenvolvida pelo obispo Adalberón de Laón, no século X (Duby, *As três ordens*, 25 ss.).

Segundo este modelo teórico, a sociedade estaria repartida em três ordens: os *oratores*, os que mantinham, pela oração, constante contato com o divino, e, por conhecer a vontade de Deus, O representavam na terra; os *bellatores*, os que lutavam pela defesa de todos os membros da sociedade e os *laboratores*, os que trabalhavam para sustentar a si mesmos e aos membros das duas outras ordens, a fim de que estes pudessem desempenhar suas funções sociais plenamente. A pesar desta divisão tripartita da sociedade ter sido elaborada inspirando-se no mundo carolíngio, segundo Deyermond, também poderia ser aplicada a Espanha cristã medieval (*Historia*, 141). Assim, o poema em estudo, seria, para este autor, o reflexo das tensões entre cavaleiros e clérigos, típicos da Europa ocidental medieval e também presentes na sociedade castelhana.

Desta forma, opondo-se a interpretação de Menéndez Pidal, afirma Deyermond (*Historia*, 142): "Se ha pretendido ver en este poema un tono singularmente hispánico y popular, dudoso, por otra parte, a la vista de la sátira incontentada de numerosos poemas goliárdicos y de las *cantigas d'escarnho* galaico-portuguesas, herederas de la tradición provenzal". Ou

seja, para Deyermond, este poema não possui qualquer particularidade hispânica, devendo ser compreendido como uma mera tradução de poemas precedentes, tanto latinos quanto em língua vernácula.

Por partimos do pressuposto, já apontado no início dessa comunicação, de que a Península Ibérica possui uma gama de particularidades em relação ao norte da Europa por ser uma área mediterrânea e, portanto, não periférica, rejeitamos, totalmente, a hipótese defendida por Deyermond. Aceitamos, como propôs Menéndez Pidal, que o poema *Elena e Maria* possui um caráter acentuadamente hispânico, porém, em conformidade com a nossa visão sobre os fenômenos culturais, também assinalada no início deste trabalho. Desta forma não consideramos o debate em estudo como fruto do "espírito espanhol, produção de um autor "popular" ou que a preocupação central do texto seja o amor sacrílego. Propomos, portanto, uma nova interpretação para esse poema, que passamos a apresentar no próximo item.⁷

2. ELENA E MARIA: UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

Acreditamos que o debate *Elena e Maria* foi escrito na cidade de Salamanca, por universitários. Estes, ao entrarem em contato com textos precedentes deste poema, apropriaram-se do tema, adaptando-o de forma criativa a partir de suas vivências enquanto representantes do novo grupo intelectuais que surgia, neste momento, na sociedade castelhana. Passamos, a seguir, ao desenvolvimento detalhado de nossa hipótese.

⁷ Ressaltamos que, por se tratar de nossa primeira aproximação ao tema, tais hipóteses ainda possuem caráter provisório.

Perante as três cidades propostas por Menéndez Pidal como local de redação da disputa *Elena e Maria*, a saber, Zamora, Salamanca e Leão, defendemos a idéia de que foi em Salamanca, cidade universitária a partir do século XIII, onde produziu-se o poema em estudo. Salamanca començou a ser repovoada ao final do século XI. Sua sede episcopal foi restaurada em 1102, sendo criada, logo depois, uma escola capitular. Nela lecionaram professores de diversas regiões da Península Ibérica, especialmente provenientes de Santiago de Compostela, como também de além-Pirineus, com especial destaque para os mestres ingleses.

No início do século XIII, Alfonso IX de Leão criou o *Studium General* de Salamanca, que apesar de ter sido a segunda fundação do gênero na Península Ibérica foi a que alcançou maior notoriedade. Fernando III outorgou a esta escola, em 1243, o seu primeiro estatuto universitário.⁸ Porém, foi Alfonso X a figura fundamental para a consolidação desta universidade. Este concedeu privilégios a esta instituição em 1254, quando, efetivamente, organizou-se como uma universidade aos moldes dos demais centros universitários europeus.

Segundo Márquez Villanueva (*El concepto*, 159), o prestígio alcançado por esta universidade está relacionado ao projeto cultural alfonsí. Devido as diferenças internas presentes em Castela na segunda metade do século XIII, pelo fato de co-existirem duas grandes áreas —uma recém-conquistada, ao sul, e outra, ao norte, onde a reconquista já encontrava-se consolidada—, este rei acreditava que

⁸ Segundo Demetrio Mansilla (*Iglesia castellana*, 263), este estatuto foi extensivo as demais universidades castelhanas.

só uma universidade não seria suficiente para o desenvolvimento intelectual de todo o seu reino. Assim, a universidade de Salamanca, por estar situada ao norte, foi escolhida como principal pólo difusor, nesta região, das propostas de Alfonso X.⁹ Em 1255, o Papa Alexandre IV confirmou o estatuto universitário de Salamanca, reconhecendo os graus que eram conferidos por esta escola e permitindo a emissão da *licentia ubique docendi*, reconhecida em todas as universidades cristãs, com a exceção de Bolonha e Paris.¹⁰

A cidade de Salamanca, portanto, desenvolveu-se, em grande parte, graças a presença dos universitários, já que a escola salmantina atraía estudantes de outras áreas da Península Ibérica, bem como de além-Pirineus. A fim de atrair um número cada vez maior de alunos, criou-se, inclusive, uma legislação favorável a estes.¹¹ Os estudantes interferiam na vida da cidade, estimulando o comércio e influenciando o comportamento dos cidadãos.

Os universitários salmantinos provinham de variados grupos sociais. Entretanto, em

⁹ A universidade de Salamanca encontrava-se organizada segundo o modelo de Bolonha. Com a reforma de Alfonso X, foi dotada das seguintes cátedras: artes, gramática, lógica, retórica, aritmética, geometria, música, astronomia, direito civil —o romano— e direito canônico. Não há qualquer menção da presença de uma cátedra de teologia.

¹⁰ Como é possível perceber, esta universidade, como outras ibéricas, foi fundada por iniciativa dos soberanos, cabendo ao papado, somente, a confirmação e concessão de privilégios.

¹¹ Como exemplo, podemos citar a lei de Fernando III, de 1252, que concedia isenção de tributos a toda a mercadoria que entrasse em Salamanca em favor dos estudantes e liberdade plena para que estes pudessem viajar por todo o reino sem ser molestados ou humilhados por impedimentos de nenhuma natureza. (*Iglesia castellana*, 263).

sua maioria, eram clérigos. Segundo García y García (“Universidad y sociedad”, 153), “muchos se tonsuraban tan sólo para efectos de poder disfrutar de un beneficio eclesiástico que les permitiera subvencionarse los estudios, sin que después siguieran la carrera eclesiástica”. Os estudos universitários, incluindo os de Salamanca, levaram a formação em Castela de um novo intelectual que se diferenciava, por um lado, “de los viejos curas de ignorancia tan sin remedio” (Rico, “La clerecía”, 7) e, por outro, aos cavaleiros (García Vera y Castrillo Llamas, “Nobleza y poder”, 19-37).

Por volta de 1200, os mosteiros ibéricos já haviam perdido a sua hegemonia cultural que se transferia, neste momento, para os novos centros intelectuais urbanos, ou seja, as nascentes universidades. Estes centros formaram um novo grupo de letrados que possuíam alguns traços que os particularizavam.

Em primeiro lugar, não se isolavam: estudavam, ensinavam e trabalhavam no *seculum*. Dominavam o latim e detinham conhecimentos novos e específicos, como o direito e a literatura. Não se limitavam a copiar livros e reproduzir, tal e qual, o saber instituído: queriam conhecer mais e mais e, curiosos sobre todas as coisas, viviam principalmente nos centros urbanos, procurando as melhores escolas. Desejavam não só conhecer, mas conquistar a fama pelo saber, bem como aspiravam repartir seus conhecimentos

Seus *scolares* viviam de seu trabalho. Desempenhavam funções administrativas em postos-chaves da sociedade: atuavam junto as chancelarias senhoriais e reais, bem como na administração de grandes mosteiros. Estas atividades lhes dotavam de riqueza e prestígio.

Por seu modo de viver e de ver o mundo, os universitários opunham-se tanto aos cléri-

gos tradicionais quanto aos cavaleiros. Desta forma, acreditamos que o poema *Elena e Maria*, que traz, em si, uma forte conotação de crítica social, é produto deste grupo de *scolares*. Neste debate, tanto o clérigo tradicional –visto como homem exclusivo da Igreja e detentor do antigo saber monástico–, quanto o cavaleiro –apresentado como um eterno dependente do palácio e, conseqüentemente, portanto, do seu senhor– são criticados.

Provavelmente, os poemas em latim e em romance que precederam a *Elena e Maria*, foram conhecidos pelos universitários salmantinos, que ou provinham de outras regiões, ou ainda, viajavam constantemente em sua busca pelo saber. Muitos destes estudantes eram pobres. Para manterem-se, exerciam diversas atividades, inclusive atuado como poetas e menestréis. Foram esses estudantes que teriam adaptado o tema do debate sobre o melhor amante, comum a poemas líricos e satíricos, estendendo, à massa populacional, sua mensagem de crítica aos clérigos ignorantes e aos cavaleiros, presentes na sociedade em que se encontravam inseridos, e frente aos quais viam-se como oposição.

Apesar de não conhecermos o fim deste debate e, portanto, não sabermos qual dos amantes ou, até mesmo, se um dos amantes chega a ganhar a disputa, acreditamos que este final não anula toda a crítica social presente na obra, visto que, seja em forma de elogio ou de escárnio, são sempre elementos negativos do comportamento do clérigo tradicional e do cavaleiro que são ressaltados. Desta forma, ao mesmo tempo que o cavaleiro é criticado por não ter juízo e medida (48-49), é elogiado por viver sempre às custas do palácio (51-62). Quanto ao clérigo, louvado por ter “vida de rico homem” (188), é

censurado por seduzir mulheres casadas e solteiras (114-115).

O fato do poema *Elena e Maria* ter sido composto em forma popular, ainda que por homens letrados, reforça a nossa hipótese. Muitos universitários pobres, em busca de seu sustento, angariavam algum dinheiro divertindo aos habitantes da cidade de Salamanca, compondo, a até declamando em locais públicos ou tabernas, poemas de fácil compreensão. Como já assinalamos, os estudantes participavam e influenciavam a vida da cidade. A população urbana, por sua vez, também reconhecia e partilhava da mensagem de crítica à forma como viviam e agiam os clérigos de tradição monástica e os cavaleiros, explícita no texto, criando com o mesmo uma identificação. O tom popular e satírico do poema foi o que, provavelmente, permitiu a sua difusão em outras regiões da Península Ibérica por jograis.

O debate de Elena e Maria não é, portanto, uma mera transposição para o castelhano de um tema goliárdico ou da lírica trovadoresca. Tampouco visa discutir o amor do clérigo, visto como sacrílego. Trata-se de uma releitura original de um tema presente em textos precedentes, a partir da visão de um grupo bem específico —o dos novos intelectuais, os universitários de Salamanca— visando, por um lado, criticar aos clérigos tradicionais e aos cavaleiros, aos quais esses novos letrados viam-se como oposição, e, por outro, divertir a população urbana.

Nesta sentido, o fato do debate sobre o melhor amante só ter sido desenvolvido em Castela ao final do século XIII, no poema *Elena e Maria*, não significa que esta região encontrava-se atrasada intelectualmente frente ao restante da Europa Ocidental, mas revela um acentuado espírito de apropriação cultural

criativa e em harmonia com a idiosincrasia desse reino.

BIBLIOGRAFÍA

- AGUADÉ NIETO, S. (coord.), *Universidad, cultura y sociedad en la Edad Media*, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1994.
- ALDEA VAQUERO, Q., T. MARIN MARTÍNEZ y J. VIVES GATELL, *Diccionario de historia eclesiástica de España*, Madrid: Instituto Enrique Flórez, 1975, v. 4.
- BADEL, P.-Y., *Introduction à la vie littéraire du Moyen Age*, Paris: Dunod, 1991. [1ª. Ed., 1969].
- CHARTIER, R., *A História cultural: entre práticas e representações*, Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- , "Textos, impressões e leituras", en L. Hunt (org.), *A nova história cultural*, São Paulo: Martins Fontes, 1992, 211-238.
- DEYERMOND, A., *Historia de la literatura española*, 14 ed. Barcelona: Ariel, 1991, v. 1. [1ª. ed. 1973].
- DUBY, G., *As três ordens ou o imaginário medieval do feudalismo*, Lisboa: Estampa, 1982.
- GARCÍA VERA, M. J. y M. C. CASTRILLO LLAMAS, "Nobleza y poder en Castilla a fines de la Edad Media", *Medievalismo*, 3:3, 1993, 19-37.
- GARCÍA Y GARCÍA, A., "Universidad y sociedad en la Edad Media española", en S. Aguadé Nieto (coord.), *Universidad, cultura y sociedad en la Edad Media*, Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1994, 149-157.
- GARCÍA-VILLOSLADA, R., *Historia de la iglesia en España*, Madrid: BAC, 1982, t. 2, v. 2.
- LE GOFF, J., *Os intelectuais na Idade Média*, Lisboa: Gradiva, 1994.
- MANSILLA REYO, D., *Iglesia castellano leonesa y curia romana en los tiempos del rey San Fernando*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1945.
- MÁRQUEZ VILLANUEVA, F., *El concepto cultural alfonsí*, Madrid: Mapfre, 1994.

- MENÉNDEZ PIDAL, R., *Tres poetas primitivos*, Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948.
- RICO, F., "La clerecía del mester", *Hispanic Review*, 53, 1985, 127-150.
- RUCQUOI, A., "De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza en España", *Relaciones*, 13:51, 1992, 55-100.
- , "Historia cultural", en C. González Minguez (ed.), *La otra historia. Sociedad, cultura y mentalidades*, Bilbao: Universidad del País Vasco, 1993, 65-86.
- ULLMANN, R. Y A. BOHNEN, *A universidade. Das origens à renascença*, São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- ÚRIA MAQUA, I., "Panorama de los estudios sobre literatura medieval española", *Medievalismo*, 2:2, 1992, 97-118.
- VAN WOENSEL, M. (ed.), *Carmina Burana: Canções de Beuem*, São Paulo: Ars Poetica, 1994.
- YNDURÁIN, D., "La literatura española en el siglo XIII", en J. L. Martín Martín *et al.*, *Así nació el castellano*, Madrid: *Historia* 16, 1985, 16-27.